• JVLIO DANTAS •

AVTO DE EL-REI SE-LEVCO

AUTO DE EL-REI SELEUCO

DE

CAMÕES

Adaptado à scena moderna e representado pela primeira vez no antigo Teatro de D. Maria II, na noite de 24 de Março de 1905

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

AUTO DE EL-REI SELEUCO

DE

CAMÕES

Adaptação à scena moderna

2.ª Edição

ULLOTEW 2018

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

Nota da 1.ª edição

Havendo o sr. dr. Júlio Dantas sugerido à gerência do Teatro Normal, na época de 1904-1905, a idea de fazer ressurgir algumas obras-primas do velho teatro português, e em especial o «Auto de El-Rei Seleuco», de Camões, pela mesma gerência lhe foi pedido que, sendo êste auto na íntegra irrepresentável, o refundisse e adaptasse à scena moderna, a exemplo do que Echegaray e outros autores vinham praticando, na vizinha Espanha, com as obras de Calderon, Fray Lope, Moreto, Guevara e Tirso de Molina. O sr. dr. Júlio Dantas aceitou a incumbência, e a peça, completamente refundida e adaptada às condições da scena actual, foi pela primeira vez representada no Teatro de D. Maria II, na noite de 24 de Março de 1905, ficando desde então no repertório permanente do mesmo teatro. É essa adaptação, trabalho cuja delicadeza e cuja difi-

culdade só compreenderá quem conhecer o original do auto de Camões, que resolvemos dar a público, como um dos valiosos serviços prestados ao teatro português pelo autor da «Ceia dos Cardeais».

Abril de 1908.

VIÚVA TAVARES CARDOSO.

FIGURAS (*)

Do Prólogo:

Mordomo	FERNANDO MAIA
Lançarote, môço	INÁCIO PEIXOTO
Martim Chinchorro	CARDOSO GALVÃO
Romão de Alvarenga	PINTO COSTA

Do Auto:

El-Rei Seleuco	AUGUSTO DE MELO
Príncipe Antioco	LUZ VELOSO
O Físico	FERREIRA DA SILVA
Um porteiro da cana	JOAQUIM COSTA
Leocádio, pagem	SARA COELHO
Alexandre da Fonseca	SAMPAIO
A Raínha Estratónica	AUGUSTA CORDEIRO
Uma môça de câmara	BEATRIZ RENTE
Frolalta, aia	JESUINA MOTTILI

Músicos, cantores, pagens.

(*) Distribuição na época de 1904-1905.

AUTO DE EL-REI SELEUCO

PRÓLOGO

O teatro representa uma sala portuguesa do século XVI, *em azulejos e guadamecins. Ao fundo, a tôda a largura, um arco donde pende uma tapeçaria de Flandres, com figuras, escondendo o tablado onde se há de fazer a representação. Portas laterais. A tapeçaria corre para o lado quando começa a representar-se o Auto. Escanos, tamboretes.*

SCENA I

O MORDOMO

MORDOMO, *surgindo da tapeçaria do F., ao público*

Eis, senhores, o autor, por me honrar nesta festival noite, me quis representar uma farça; e diz que quem dela se não contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vá aos soalheiros dos escudeiros da Castanheira ou de Alhos Vedros, ou converse na Rua Nova em casa do boticário; e não lhe faltará que conte.

Porém, diz o autor que usou nesta obra da maneira de Isopeto. Ora quanto à obra, se não parecer bem a todos, o autor diz que entende dela menos que todos os que lha poderem emendar. Todavia, isto é para a má língua, à qual respondo com um dito de um filósofo, que diz: — «Vós outros estudastes para praguejar, e eu para desprezar praguentos».—Vamos saber da farça, em que ponto vai. *(Chamando)* Lançarote! — Lançarote!

SCENA II

O MORDOMO, LANÇAROTE

LANÇAROTE, *entrando pela E., com um pantufo na mão*

Senhor!

MORDOMO

São já chegadas as figuras do Auto?

LANÇAROTE

São já chegadas, são. São já chegadas ao fim de sua vida.

MORDOMO

Porquê?

LANÇAROTE

Porque ao entrar foi a gente tanta, que não ficou capa com frisa, nem talão de sapato que não saísse fora do couce. Agora vieram uns embuçadetes, e quiseram entrar por fôrça. Deram uma pedrada na cabeça do Anjo e rasgaram uma meia-calça ao Ermitão. E agora, diz o Anjo que não há de entrar até lhe não darem uma cabeça nova, nem o Ermitão até lhe não pôrem uma estopada na calça. — Êste pantufo se perdeu ali. *(Dirigindo-se ao público)* É dalgum de vossas mercês? Mão é? — *(Ao* MORDOMO) Então, mande-o vossa mercê domingo apregoar nos púlpitos, que eu não quero nada do alheio.

MORDOMO

Fôsse peça de maior valia, — e tu botaras a consciência pela porta fóra, e a guardaras para ti!

LANÇAROTE

Se fôsse peça de maior valia, consciência era dá-la a seu dono. *(Olhando o pantufo)* Chichelo de judeu! Assim como foste pantufo, — que te custava ser uma bôlsa com um par de reales, bons para escudeiro hipócrita, que são pouco e valem muito?

MORDOMO

Lançarote! — Vai daqui a casa de Martim Chinchorro, e dize-lhe que temos cá Auto. Que venha sua mercê, e que traga comsigo o senhor Romão Alvarenga, para que sôbre o cantochão botemos seu contraponto de zombaria. — Ouves, Lançarote? Vai num pé, e vem no outro.

LANÇAROTE

Não me arranjará vossa mercê mais outro pé, para calçar neste pantufo?

MORDOMO, *correndo sôbre êle, de bastão em punho*

Ah! Bargante!

LANÇAROTE *foge pela E., cantando uma velha trova.*

SCENA III

MORDOMO, *uma Figura*

MORDOMO

Não há peor conselho que ter um vilão dêstes mimoso. *(Ao público)* Vossas mercês é necessário que se cheguem uns para os outros,

para darem lugar aos mais senhores que hão de vir; que doutra maneira, se todo o corro se há de gastar em palanques, será bom mandar fazer outro alvalade. De mais, hão de me fazer a mercê que se hão de desembuçar, — porque eu não sei quem me quer bem nem quem me quer mal.

UMA FIGURA *do Auto, afastando a tapeçaria*

Olá, senhor! — Pedem as figuras alfinetes, para toucarem um escudeiro!

MORDOMO, *saindo*

Aí vou, aí vou.

SCENA IV

MARTIM CHINCHORRO, ROMÃO ALVARENGA, LANÇAROTE

LANÇAROTE, *entrando pela E., seguido de* MARTIM *e de* ROMÃO, *como se falasse ao* MORDOMO

Ora aqui estão suas mercês, que já vinham de caminho. *(Vendo que o* MORDOMO *desapareceu)* Ah! Já se foi andando. — Entrem vossas mercês.

MARTIM, *em cortesias, apoiado ao bastão, querendo dar ao outro a precedência na entrada*

Senhor Romão Alvarenga...

ROMÃO

Entre vossa mercê, senhor Martim Chinchorro.

MARTIM, *entrando primeiro*

Dias há, senhor, que ando de quebra com cortesias. Por isso vou diante. Beijo as mãos a vossa mercê. A verdade é esta: passear em casa juncada, fogueira com castanhas, mesa posta com alcatifa e cartas; além disso, Auto para esgaravatar os dentes, — esta é a vida, de que se há de fazer consciência. *(A* LANÇAROTE) Ora pois, Lançarote, o Auto que tal dizem que é?

LANÇAROTE

Em breves palavras direi a vossas mercês a suma da obra: ela é tôda de rir, do cabo até à ponta. Entrarão logo primeiramente quinze donzelas, que vão fugidas de casa de seus pais, e vão com cabazes apanhar azeitona; e trás elas veem logo oito mundanos, metidos em um covão, cantando: «*Quem os amores tem*

em Cintra...»; e depois de cantarem, farão uma dansa de espadas, coisa muito para ver. Entra mais El-Rei D. Sancho, bailando os machatins; e logo Catarina Real, com uns poucos de parvos numa joeira; e semeá-los há pela casa, de que nascerá muito mantimento ao riso. E nisto, fenecerá o Auto, com música de chocalho e buzinas, que Cupido vem dar a uma alfeloeira a quem quer bem; e ir-se hão vossas mercês para suas pousadas, ou consoarão comnosco, se trouxerem quê. — Ora pois, ide pela menina dos olhos verdes, que até agora zombei eu de vós.

MARTIM, *vendo rir* LANÇAROTE

Que salgado môço, êste! — Anda cá. — Zombaste de mim?

ROMÃO, *a* LANÇAROTE

Como te chamas tu?

LANÇAROTE

Eu nunca me chamo.

MARTIM

Donde és natural?